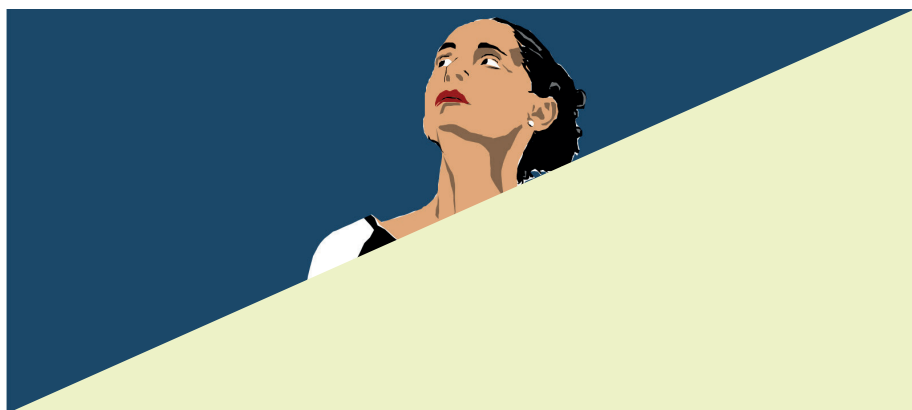


# A DISCRETA DESILUSÃO DA BURGUESIA

Harmony and understanding  
Sympathy and trust abounding  
No more falsehoods or derisions  
Golden living dreams of visions  
Mystic crystal revalation  
And the mind's true liberation  
Aquarius!  
Aquarius!  
Do musical "Hair"

The future is the imaginary space that utopia tries to colonize.

(Franco "Bifo" Berardi)



por Alysso Oliveira

Ao longo das mais de 2 horas de Aquarius, não toca, em nenhum momento, a famosa canção homônima do musical Hair, mas não é preciso. O filme todo é permeado, de uma forma ou de outra, pelos ideais perdidos daquela geração dos anos de 1960. Pode ser uma feliz coincidência, ou algo de caso pensado, mas o diretor e roteirista do longa brasileiro, Kléber Mendonça Filho, convidou Sonia Braga para viver a personagem principal, Clara. Ela, por sua vez, participou da montagem brasileira do musical em 1969.

A década mal é mencionada no filme – se o é, é de forma discreta –, por isso, entram praticamente nas entrelinhas. Mas Aquarius é um filme sobre essa década e sobre como suas utopias se transformaram em desilusões e lutas virtualmente pessoais. Clara, intelectual na faixa dos 60 anos, vive num prédio pequeno e antigo, que leve o nome do filme, de frente para o mar, em Recife. Uma construtora comprou todos os apartamentos, mas ela resiste,

bravamente, infantilmente, egoisticamente, dependendo do ângulo pelo qual se olha.

Clara é o que Fredric Jameson chama de veterana da década de 60 que “viu tantas coisas mudarem dramaticamente de um ano para outro e pensa mais historicamente do que seus antecessores”. A trama situada no século XXI, a suposta Era de Aquarius, aliás, dá à protagonista uma vantagem histórica – expressão meio trapaceira essa, se é que se tem alguma vantagem em olhar para trás e ver que as coisas mudaram para continuar as mesmas.



1 - JAMESON, Fredric. “Periodizing the 60s”. In. \_\_\_\_\_. The Ideologies of Theory – Essays 1971-1986 - Volume 2: The Syntax of History. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988, p. 178.

Clara é a típica liberal à brasileira, confortável em seu apartamento herdado, junto com outros cinco que lhe garante o sustento, fazendo de suas paredes e estantes uma galeria de bom gosto, alta cultura (e também cultura de massas bem aceita pela elite), e bom gosto. Sua relação com sua empregada (Zoraide Coletto) de algumas décadas é bastante boa e próxima – chega a ir ao aniversário da mulher na parte pobre da cidade, como ela mesma explica à namorada carioca do sobrinho.

O que nos fascina em Clara é sua clareza (com o perdão do trocadilho) para ter, ao mesmo tempo, empenho social, bom gosto e bom senso. Não é difícil imaginar a personagem numa passeata gritando Fora Temer, nem que ela tenha feito um voto útil no PT nas últimas eleições presidenciais. O que talvez nos fascine e seduza é que, no fundo, todos queremos ser Clara. Morar bem, ser culto e lutar por causas sociais – desde que essa não interrompa nossa alegria. Uma ilustração precisa disso se dá num momento em que toda a família da protagonista está vendo antigos álbuns de fotografia. A boa nostalgia corre solta, até que essa é interrompida pela empregada/amiga que mostra a foto de seu filho, morto há pouco tempo num acidente de moto causado por um sujeito rico e bêbado. É um corte abrupto e seco na felicidade memorialística da burguesia esclarecida.

Clara já foi relacionada ao tripé Tradição, Família e Propriedade, por Marcelo Coelho, em sua coluna na Folha de S. Paulo. E o escritor que explica porque, na visão dele, a personagem resiste “em nome de suas memórias familiares, e porque, viúva, tendo sofrido uma cirurgia de extração da mama, e sentindo-se distanciada dos filhos, não se conforma com mais nenhuma perda em sua vida.” É claro que o autor não relaciona a protagonista àquela organização fundada nos anos de 1960. Mas, vê nela algo de conservador. E isso traz bastante complexidade à figura.

O que permite à Clara ter a posição de resistência é sua vantagem de classe. Ela é

uma mulher da elite, é rica, esclarecida, tem até empenho social – sua luta apresenta de forma simbólica num plano micro o movimento que acontece em Recife desde 2014 em defesa do Cais José Estelita, contra um empreendimento imobiliário que iria ocupar o lugar. Morasse Clara numa favela na periferia de São Paulo, já teria sido arrancada a força de sua casa. Mas será que o filme tem consciência dessa posição?

Flávio Moura coloca isso muito bem em seu texto sobre o filme quando diz que:

Há nobreza na resistência de Clara, mas há também arrogância. E essa é uma arrogância intelectual, de quem preza finos LPs, romances literários e filmes de Kubrick, mas também – e sobretudo – uma arrogância de classe.

Não se trata, pois, de um confronto de uma intelectual bem intencionada e uma elite financeira inescrupulosa, mas de um embate entre duas modalidades da elite pernambucana que encarnam as contradições da classe alta brasileira.

Em Clara coexistiriam, então, o arcaico e o moderno – combinação ilustrada por sua vasta coleção de vinis, mas ela também ouve mp3, deixa claro numa entrevista – o que é um fato geral no mundo capitalista. Mas como

2 - COELHO, Marcelo. “‘Aquarius’ oferece versão de esquerda para ‘Tradição, Família e Propriedade’”. Folha de S. Paulo, 14 de setembro de 2016. Acessado em 15/09/2016.

Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2016/09/1813017-aquarius-oferece-versao-de-esquerda-para-tradicao-familia-e-propriedade.shtml>. Acessado em 15/09/2016.

3 - MOURA, Flavio. “Cavalcantis e Cavalgados”. Nexo Jornal, 10 de setembro de 2016. Disponível em [https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/09/10/Cavalcantis-e-cavalgados#.V9aU5rU\\_XI0](https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/09/10/Cavalcantis-e-cavalgados#.V9aU5rU_XI0). Acessado em 15/09/2016.

aponta Roberto Schwarz, nos países que foram colonizados, essa simultaneidade “é central e tem força de emblema. Isto porque estes países foram incorporados ao mercado mundial – ao mundo moderno – na qualidade de econômica e socialmente atrasados, de fornecedores de matéria-prima e trabalho barato. A sua ligação ao novo se faz através, estruturalmente através de seu atraso social que se reproduz em lugar de se extinguir”.

A disputa de narrativa entre o arcaico e o moderno, sem que haja qualquer juízo de valor nos dois (que possuem pontos positivismo e negativos), é o que impulsiona a narrativa de *Aquarius*. O prédio a ser erguido se chamará “Novo *Aquarius*”, diz o engenheiro, neto do dono da empreiteira, para confortar Clara, num de seus embates.

Ao contrário dos revolucionários anos de 1960 quando, em boa parte do mundo, havia uma chama da mudança sendo alimentada, e possibilidades de outras narrativas até mesmo utópicas, o presente agoniza numa disputa em que nenhuma das opções parecem ser muito boas. Jameson caracteriza aquela década como um “período importante transformacional quando a reestruturação sistêmica acontece numa escala global”. Enquanto os anos de 1980 “serão caracterizados por um esforço, na escala global, de proletarizar todas as forças sociais libertas que deram força aos anos de 1960 sua energia”.

O longa começa exatamente em 1980, quando Clara, ainda jovem acaba de sobreviver a um câncer para o qual perdeu um seio, e comemora o aniversário de uma tia (Thaia Perez). Enquanto os filhos da protagonista declamam uma homenagem à aniversariante, a mulher relembra sua juventude libertária quando o sexo era até mais livre do que no presente.

Jameson afirma que *Utopia* sempre foi

uma questão política:

“A relação entre *Utopia* e o político assim como as questões sobre o valor prático-político do pensamento Utópico e a identificação entre Socialismo e *Utopia*, continuam como tópicos não-resolvidos hoje quando a *Utopia* parece ter recoberto sua vitalidade como um slogan político e uma perspectiva politicamente estimulante” .

O autor sempre viu *Utopia* como sinônimo de socialismo. Mas qual é a utopia de Clara? Manter seu apartamento a todo custo, pois ali está a sua história. Alguns viram em sua resistência um paralelo com a ex-presidenta Dilma Roussef durante o processo de impeachment. O filme estreou em 10 de setembro, exatamente um dia após ser cassada. Relatos, especialmente na internet, deram conta de que várias sessões do longa de Kléber Mendonça Filho contaram com manifestações da plateia, particularmente com gritos de “Fora Temer”. *Catártico*? Pode até ser, mas o que vem mesmo à mente é o comentário de Roberto Schwarz, em “*Cultura e Política, 1964-1967*” sobre o comportamento efusivo da esquerda em espetáculos do *Opinião* e de *Boal*: “a esquerda derrotada triunfava sem crítica, numa sala repleta, como se a derrota não fosse um defeito” .

*Aquarius* não é bem um filme nostálgico, as personagens não sentem saudade sobre um tempo que passou e não volta mais, mas também não parecem olhar para um futuro. Teriam elas – tantas as personagens ricas quanto as pobres – uma opção de um outro futuro que não um prolongamento sem fim desse presente? Se uma das funções da utopia é impulsionar o futuro, onde ela foi parar nesse presente monocórdico no qual não há uma brisa de mudança (nem opções) no horizonte?

4 - SCHWARZ, Roberto. “*Cultura e Política, 1964-1967*”. In. \_\_\_\_\_. *O Pai de Família e Outros Estudos*. São Paulo: Cia das Letras, 2008 [1978], p. 91.

5 - Jameson, “*Periodizing the 60s*”, p. 207.

6 - JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future*. London & New York: Verso, xi-xii.

